

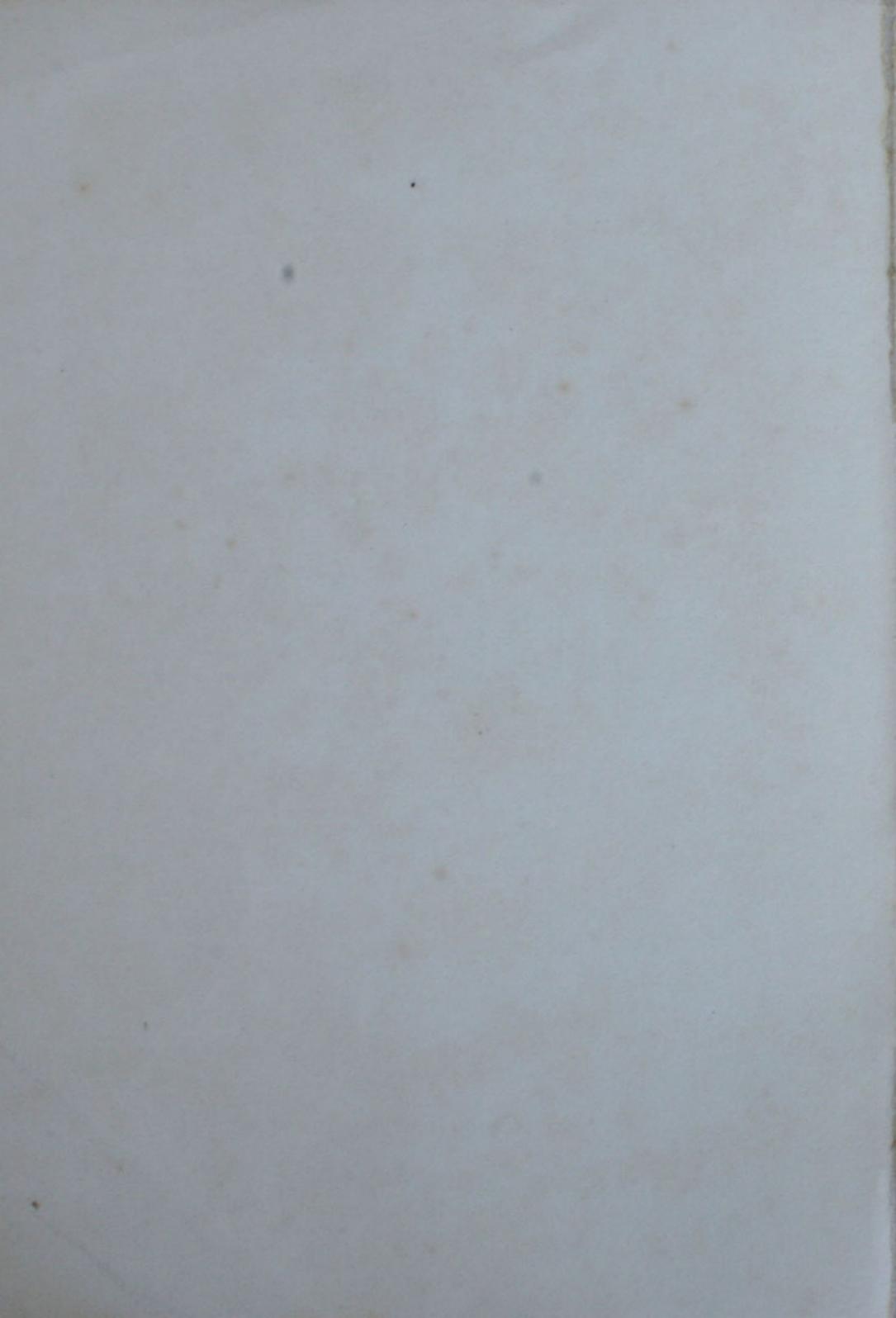
FERNANDO CAETANO PEREIRA

NO
CAHOS
DA
IDEIA

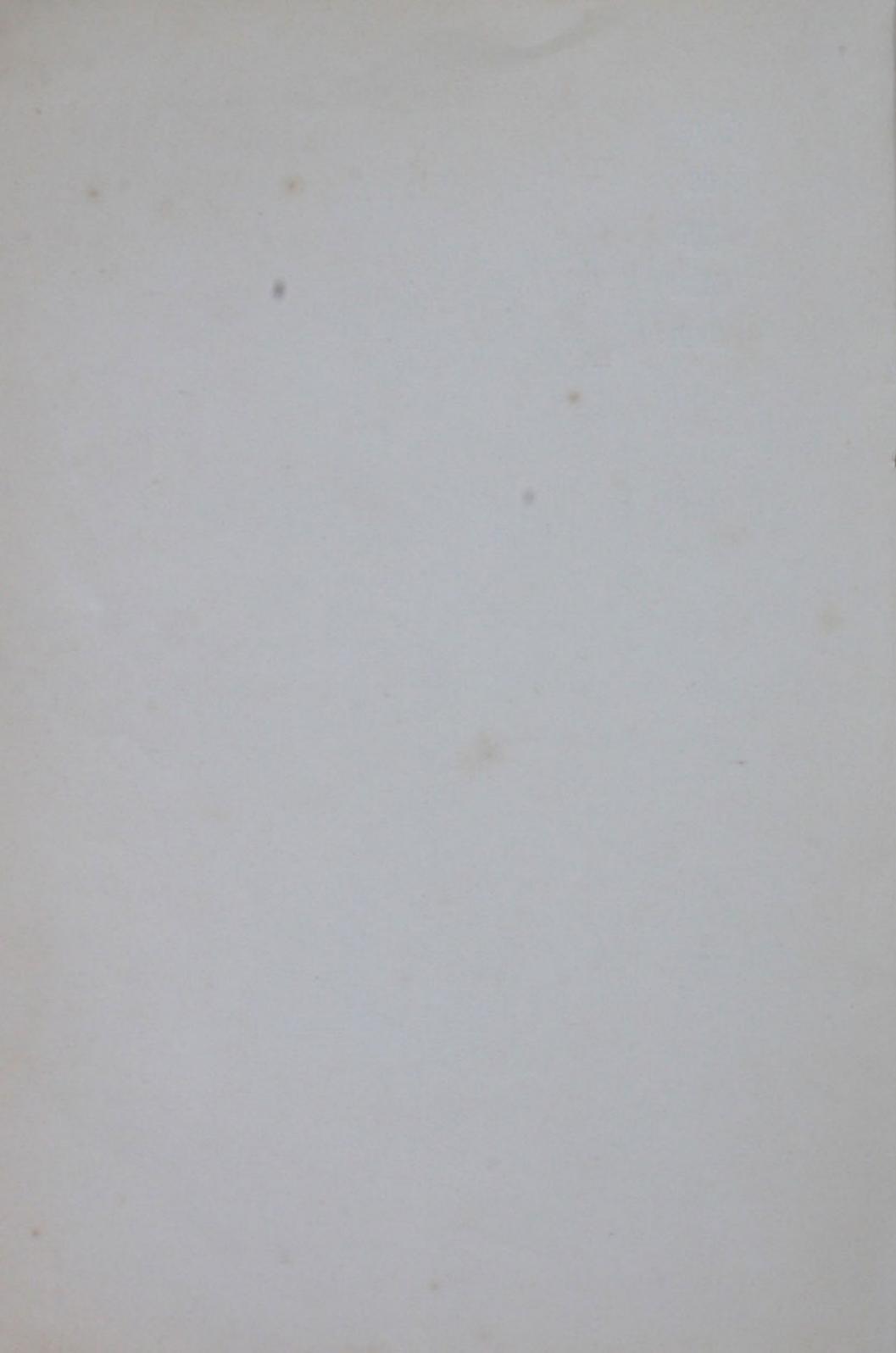
Fecemi la divina potestate
La somma sapienza e'l primo amore.

Dante.

FRANÇA & ARMENIO — Editores



Canto
de
mim
para
mim



FERNANDO CAETANO PEREIRA

NO
CAHOS
DA
IDEIA

Fecemi la divina potestate
La somma sapienza e'l primo amore.

Dante.



COIMBRA

—
FRANÇA & ARMENIO — Editores

—
1916

PREFACIO

O velho Lopes de Mendonça, aquelle Lopes de Mendonça que escreveu as «Memorias de um doido» tem nas suas Memorias da litteratura contemporanea uma phrase que alem de modelar é profundamente verdadeira. «A critica nunca matou o que deve viver, nem deu vida ao que deve morrer.» Pois, paraphraseando, pode dizer-se dos prefacios a mesma cousa. Um livro mau não é melhor porque Guerra Junqueiro diga no introito cousas profundas, ou Gomes Leal teça em estrophes mysteriosas o seu elogio. Tambem não é peor se as paginas destinadas ao prefacio vierem immaculadamente brancas. Quer isto dizer que o autor d'este livro poderia dispensar esta coisa e estas palavras, porque o seu livro, com ou sem prefacio, é sempre um livro singular, extranho e perturbantemente curioso. Na sua amizade por mim quiz, juntando os nossos nomes, projectar sobre o meu tambem a gloria e os loiros, que, novel ceifador hade colher na sua rota.

O Sr. Fernando Caetano Pereira é um novo e este livro é um livro de estreia. Não é por certo obra acabada e completa não é. Mas é trabalho que o não deslustra e que o não envergonha. O Sr. Fernando Caetano Pereira apresenta-se como um poeta. Todavia elle é mais

um pensador. Ha n'este livro um cachoar de coisas que são pouco da idade de quem as pensou. Ha tambem verdadeira poesia, porque a poesia hoje já não é cantar olhos de beldades, nem carpir pessimismos de vates atraíçoados, mas alguma cousa de mais vago e de mais alto, de mais subtil e mais extra-terreno.

Mais tarde o auctor, que é um homem de talento, trocará o verso pela prosa. Dar-nos-ha conta de estudos complicados e será uma creatura que levará este livro á conta de um passado saudoso. Mas este livro fragmentario e rude, nebuloso um pouco, quasi sempre profundo é tambem um pouco a imagem de uma geração, da geração do auctor, documento de uma alma rara e complicada, será lido e será apreciado como merece. Quem assim começa tem obrigação de ser um dos grandes da sua terra. Portanto... portanto para que o leitor não se aborreça aqui se põe ponto. Abrindo o livro travará conhecimento com um raro, florente espirito, que se refugia em aristocratisar o pensamento com ternuras de poeta. É por essa razão que este livro dispensava o prefacio. Eu não soube sequer ciceronar-lhe as belezas, nem dizer d'ellas em phrase rythmica de poema coisas entontecedoramente ma-

ravilhosas. Culpe-se o autor. Nos seus amigos elle encontraria de certo outro que o fizesse. Não quiz. Satan não se amerceou de mim enquanto Jupiter o coroou a elle de rosas. Mas paciencia. Saberás por accaso estúpido leitor que é difficil de contentar quem quer sol na eira e chuva no nabal?

Albino Forjaz de Sampayo.

Á MEMORIA
DE
Minha Mãe e de minha Irmã

À EX.^{MA} S.^{RA}

Dona Rita de Barros Pereira

M. A. M.

A TI

Os versos que escrevi são quaesquer penas,
Occultas dentro em mim ha muito anno,
São rasgos de paixão, — e tu apenas
Me offreces settas d'ódio no teu damno.

São gritos de aflicção de entre o lume
Em que me abraço sempre, alucinado,
São momentos de tedio e de ciúme
Gravados n'um relevo 'sculpturado.

Triste de mim, a quem a Sorte, um dia,
Fez olhar os teus olhos encantados!
Perpassavas então, qual cotovia,
Saltitando por eiras e montados.

Segui-te. Mas que tempo tão perdido
Todo o tempo que andei atraz de Ti!
Fingias teu olhar enternecido,
Olhar que nos teus olhos nunca vi...

Tinhas banal, a pose da vaidade
Que, pouco a pouco, em Ti desenvolveu
O galanteio d'essa mocidade,
Que nunca mais de Ti se desprendeou...

Olhava-te á janella, em impostura,
E fingias soffrer, sempre sòsinha...
E na illusão fremente, com doçura,
Balbuciava baixinho; é minha é minha!

O tempo decorreu, e em recompensa
Da loucura do meu amôr infindo,
Lá do alto d'essa altivêz immensa,
Quando eu chorava, começavas rindo!

Nunca attingi o teu procedimento.
Eu sei que tu és crente e é raro o dia
Que te não vejo orar: — divertimento!...
E's virgem e quizeras ser Maria...

Ahi vae agora, para aqui findar,
A phrase que um orgulho mais requer,
Um remorso que te ha-de torturar:

« Fiz este livro só por Ti, mulher! »

Eu fui então poeta. . .

EU FUI ENTÃO POÉTA...

Ao EMYGDIO FARIA

Horas mortas do occaso e da tristêza...
Cahe a noute, que tanto me insinua;
A lua surge, morre a Naturêza,
O echo da mudêz em mim fluctua...

Passam castellos, passam horisontes...
E o silêncio das cousas, vâgamente,
Vae soluçando, àlém, por esses montes...
Dormindo pelo espaço docemente...

Passam Almas pendentes, fatigadas,
Soffrêndo com paciencia, — vão caladas . . . —
A noute é erma. Escuridão completa!

Foi n'uma noute assim, oh noute amiga,
Que, cantando em meus versos minha vida,
Pela primeira vêz eu fui poeta! . . .

EU NADA SEI

Eu nada sei, ignoro toda a cousa,
E até contesto aquillo que estou vendo,
E dentro do meu craneo, fria lousa,
Nunca me encontro e não me comprehendo.

Oh chimeras, oh prantos diluidos
Em concepções que fogem para longe,
Meu corpo é o convento dos sentidos
Onde *Eu* um dia entrei p'ra ser um monge.

Que tons estranhos pintam o meu Ser!...

— Eu nada sei... E para quê saber?...

Eu duvido de tudo em que presisto...

Não me importa saber se a Vida vive,

Nem quero possuir o que não tive,

Porque não sei, meu Deus, se acaso existo...

Sombras
que
passam

Sombras
que
passam

Formas vagas, que ás noutes, com piedade,
Se inclinam, a espreitar sobre meu peito...

A. de Quental.

SOMBRAS QUE PASSAM

Órbitas largas onde o olhar medeia
Em fachos d'uma luz tão luminosa,
— Espirito de mim! — no chaos da Ideia
Souhei a minha forma vaporosa.

Na transicção de curvas arreigadas
De formas imperfeitas reunidas,
Olhei, vindas da Morte, deformadas,
Aquellas que adorei em minhas Vidas...

REALIDADES?!...

AO JOÃO M. DE MAGALHÃES COLLAÇO

Quem sabe lá se a gente vive, ao menos,
E se existe a mulher de quem gostamos?
— São chimeras as Vidas que vivêmos!...
E, a sonhar soffremos, quando amamos!...

Quem sabe se alegrias são enganos
E se tristezas vozes nunca ouvidas?
Eu não sei nada, e vivo ha tantos annos!...
Não sei se ha amôr, se existem Vidas...

Dizem todos que todos nós morrêmos...
Quero morrer... mas nós, Senhor, vivêmos?

MAGO

Diviso enfileiradas várias luzes
Que palpitam no cahos onde emerso;
Ha lágrimas de atheus, existem cruces,
Destacadas por todo esse Universo...

Respirando, entre a turba que esvoaça,
Concepções grandiosas e hesitantes,
Dirige-me a sciencia de outra Raça,
Sou filho do saber, — novas possantes!...

Livre de mêdo, afirmo o que entrevejo :
A ignorância fatal do meu desejo
Morrer junto ás theorias prenhes de erros;

Avisado em reflexos de outros Mundos,
Eu penetro os problemas mais profundos!...
Meu Deus! Ha outras Vidas... Vejo enterros!...

ELLA

AO AMÉRICO CORREA DA SILVA

Corpo ondeado, cabellos desgrenhados,
Aspecto duvidoso: triste e lêdo...
Pensando nos seus sonhos destroçados,
Vê no Mar o mystério d'um segredo...

Extasiada alli, sobre um rochedo,
Onde o mar vem quebrar-se enamorado,
Balbucia paixões de longo enredo,
Paixões d'algum desejo apaixonado...

Que pena a minha! — Só!... E como é triste,
Vê-la assim com um ar de quem desiste,
Relembrando o que muito tem vivido...

Quando em quando, suspira num alento,
E n'um momento, após outro momento,
Vae esquecendo o que nunca foi esquecido...

SOMBRA EXTRANHA

A Noute é erma. Névoas recortadas,
Cahindo brandamente sobre os montes,
Mostram-nos tédios de Almas enfadadas,
Olhando, incertas, novos horisontes.

O escuro cahe-nos, em martyrio fundo,
Divisando uma sombra extravagante:
Traz vestes invisiveis de Outro Mundo,
Viaja pelo espaço, altiva e errante.

Eu vejo-A aproximar... tento fugir,
Sentindo-A junto a mim, no meu sentir...
— E' minha Mãe. Não sei o que Ella quer... —

As névoas não mais cahem sobre os montes...
E, para além de novos horisontes,
Partiu um esquelêto de mulher!

CREANÇA QUE ME TORTURA

(A. QUENTAL)

Não te extingas, creança seductora,
Vizão que adoro e amo em desatino,
Imagem do meu Ser: madeixa loura
E côres do intenso branco, purpurino.

Fita-me de olhos abertos, minha morta,
E protege tambem minha inconstancia;
Fita-me assim com graça, assim absorta,
Revive em meu viver a nossa infância.

Quando soffrer boceja-me baixinho
Meigas carícias d'esse teu carinho,
Aliviando a minha triste sina.

Debilita-me a expressão do teu affecto,
Mas, quando abalas, sinto-me inquieto
E fico a repetir: « Adeus menina! . . . »

MORTAS NUAS

Eu quando falo d'alto sempre escuto
As vozes que respondem ao que digo;
Ellas dizem que eu próprio me disfructo
E que sou de mim mesmo o inimigo...

Quando as ouço pergunto quem me fala,
Mas ficam todas mudas por igual;
Recolhem-se de novo à mesma valla
E riem-se, caladas, do meu mal...

Quasi sempre, à noutinha, vejo erguer
Os vultos que não passam sem me vêr ...
—Ronda sinistra que ante mim fluctuas!

Eu não sei quem vós sois, com quem converso,
E, em nevroses, sinto-me perverso,
Quando vós me falais, oh mortas nuas! ...

A NINGUEM

A Forma esguia e vaga que remiro,
Pela noute, entre o escuro pesadêlo,
Não tem as formas mortas, que prefiro,
Mas um corpo que adoro sem ser bello!

Chegando cuidadosa junto a mim,
N'um espreitar risonho e de encantos,
N'um roçagar de quem veste setim,
Enxuga nos meus olhos os meus prantos.

Amortalha-me então em fino manto
Essa Forma divina que amo tanto,
Aquella que domina as minhas dôres,

A unica vizão que me descansa,
Occulta n'um mar calmo de bonança
Vivendo a reviver os meus amôres...

ESPIRITISMO

Ao VICTOR MANUEL SOBRAL DE CARVALHO

Minh'Alma ao vêr as formas tenebrosas
Que avançam para mim, mal anoutece,
Chorando conhecer o que conhece,
Guarda silêncio entre ellas, silenciosas...

Creanças d'outra Vida, tão formosas,
Desfilam pé ant'pé, mal escurece.
Meu rôsto de cadaver pallidece,
Ao prevêr outras Vidas tormentosas...

Fico suspenso em 'spasmos de pavor,
Quando, em vertigens, vejo um novo Amôr,
Que ha mil annos me espera no Além...

Com certêza são Almas penitentes
Que soffrem minhas Vidas, descontentes,
Velhas Almas das Terras de Bethlém...

TRANSMIGRAÇÃO

A's vêzes não me sinto, e despertado
Do somno, onde murmuro friamente,
Encontro no meu gesto desusado
Sentimentos d'um Outro que me sente...

Sou sepulchro do espirito que habita
No meu corpo — o mysterio do meu Eu!... —
Não me sinto as vêzes que Elle me fita,
Quando Elle chega, tudo em mim morreu.

Não sei por onde passo e onde vivo,
Quando Elle absorve o meu corpo captivo
Eu não me sinto então, mas não morri!...

Existo, vivo ainda no meu Ser...
Mas Elle, n'um repente, ao me entender,
Fundiu-se em mim e n'Elle eu me perdi...

VISÕES

Hontem á noute, ás horas do repouso,
Vem procurar-me Alguem no meu retiro.
Passa ao de leve, rasto duvidoso,
E duvidoso fico: assim o miro...

Muitas vêzes repete esta visita,
Nada me diz, mas choro ao vê-lo triste,
E então, no decorrer d'esta hora afflicta,
Tu vês — oh *Eu!*... — o que jãmais tu viste.

*

Não concebes de novo a mesma imagem,
E no teu recordar outra miragem
Te mostrará um ente bem diff'rente;

No tropel d'essas nuvens, a que olhaste,
O pensamento em ti, tão debil haste,
Por nada vêr acabas finalmente. . .

ASPIRAÇÃO...

Passam sombras ao longe, mansamente...
Vizões irreaes, em noutes tumultuosas,
D'um crente, — quando em horas de descrente, —
A abraçar mil ideias duvidosas.

Arrasta-me tu, oh Fada mysteriosa,
E brinca com minh'Alma perturbada;
Eu sou para soffrer em tormentosa
Vixão eterna em ti embalsamada...

Arroja-me ao logar onde te adoro,
D'onde vivo distante e onde moro
Quando açoutado em noutes mysteriosas;

Continua-me a Vida em outra Esphera,
Onde eu me possa erguer em primavera
Vivendo alegre e afogado em rozas!...

MALES QUE PARTIRAM

Vejo em danças macabras os meus males
Emanando de mim. Longe a tortura...
Divagando por montes e por valles,
Lá vão sempre palpando-lhe a estrutura...

Na sua marcha cruel vertiginosa,
Não poupam nem as proprias avesinhas;
Matam sem dó os lyrios e as rozas,
Soffrem velhos e soffrem creancinhas.

Fugiram esses males que eu vivia,
Mas para não findar minha agonia,
Ficou perdido um Mal que me sorri.

Não sou o mesmo já de antigas eras,
Já são outras as dôres, outras chimeras,
— Quem sabe se eu vivendo já morri!.. —

PARA ALÉM

Clarões, fachos de luz entorpecida,
Iluminam-me o rosto alucinado,
Luz cruel a mim, luz d'uma Outra Vida,
Em sonhos, com vislumbres de dourado.

Choram prantos pela amplidão suprema,
As formas deformadas, desc'loridas,
Voando o Espaço, em anceadade extrema,
Choram perdidas nas regiões perdidas . . .

Oh zonas infinitas, sacrosantas,
Quizera em vós perder-me, onde Almas tantas
Incertas vagueiam da sua sorte...

Tomára já sentir a dentro a mim
Uns restos de viver, os fins do Fim...
Fugindo à vida, em gargalhada à morte!...

A SÓS

Interpreto bem mal o que rodeia
Meu espirito tão fraco e abatido,
O despôjo da fôrma sempre feia,
Que até hoje me tem só perseguido.

Nas orações, nas rezas, nos martyrrios,
Abandono esse espectro que me segue,
Espectro que só vejo em meus delirios,
Mas espectro que nunca me persegue.

A' noute, quando attingo esse Imperfeito,
N'um arfejar que dilacera o peito,
Pergunto porque chòro por tão pouco;

E, falando a mim próprio, inconsciente,
Ouço uma voz falar, que nunca mente,
Dizendo-me que sempre fui um louco!

Horisontes

Horisontes

O Mort, vieux capitaine, il est temps! levons l'ancre!
Ce pays nous ennuie, ô Mort! Appareillons!
Si le ciel et la mer sont noirs comme de l'encre,
Nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons!

Verse-nous ton poison pour qu'il nous réconforte!
Nous voulous, tant ce feu nous brule le cerveau,
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou ciel, qu'importe?
Au fond de l'Inconun pour trouver du *nouveau*!

Baudelaire,

A meus Irmãos

SUÍCIDIO DOS POENTES

Ai nunca mais esqueço esses poentes,
Que, n'uma tarde extremamente rara,
Fecháram pelos valles, tão doentes,
O brilho d'uma luz que se apagára!...

O dia começara a decahir,
Pallidas côres obravam em pedreiros,
A Natura queria construir,
Em sonhos, pensamentos derradeiros.

*
* *
*

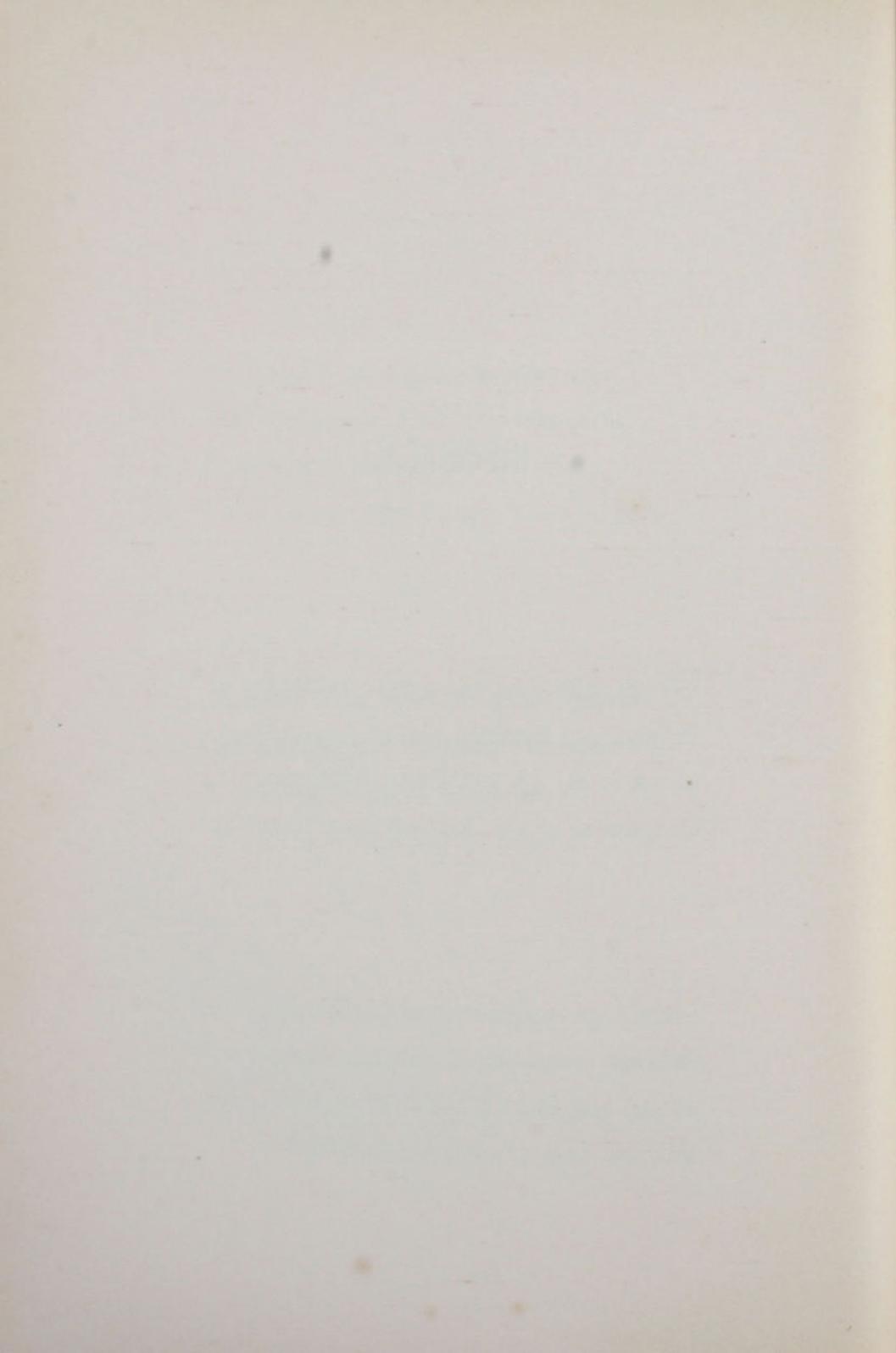
Do alpêndre da luz que a tarde traz
Cahem echos do Além, que echoáram;
Dizêres de Judas, vozes de Caifaz,
Vozes de mim que foram: não voltaram...

Ai nunca mais esqueço aquella sombra
Que a tarde pouco a pouco fêz trazer...
A luz amortecida já assombra!
— Talvez a Natureza vá morrer... —

INSPIRAÇÃO

Sabe de mim uma voz a mim estranha,
Phrases que digo sem n'ellas pensar!
A voz do Eu é a voz d'uma montanha,
Que, sem se ouvir, 'stá sempre a murmurar...

Sinto o que sentem outros moribundos,
Olhando muita luz no immenso escuro...
Já sei, meu Deus, que existem outros mundos,
Fui, sem querer, o oráculo do Futuro...



INFINITO

Ao LUIS CABRAL MONCADA

Espaços no Espaço, a nascer...

Ampliações d'Espaços a ampliar...

E Lá, onde a Ideia perecer,

Ha sempre mais um Espaço a começar...

O MEU DILÊMA

Eu quebrarei um dia esse dilêma,
Em que o espirito às vêzes se entretém,
De causas incompletas em esquema,
No obscuro das cousas em seu bem...

Perpassa a clara Luz que me alumia,
Encontrando o que nunca hei-de encontrar;
Jámais vejo o que dantes eu não via,
E, ao sonhar no fim, vou começar...

Memórias esquecidas de quem sou,
Fazendo-me chegar onde não vou,
Caminham para mim, dum modo lento,

Ha mystérios de crença no meu Ser,
Deponho no meu Eu o não saber,
E fico mudo, sem intendimento!

ENIGMAS...

Ancias só de saber, insaciáveis,
Perturbações mentaes funambulêscas,
Ao duvidar das zônas gigantêscas
Enigmas talvez nunca decifráveis.

Grandiosas creações intermináveis,
Onde surgem imagens pittorêscas,
São paineis de figuras romanêscas
Que habitam nas regiões inhabitáveis.

Morto de angustia, morto de cansaço,
Chorando, como louco, no regaço
Da dúvida de extranhos ideaes,

Murmura-me uma voz, não sei de quem,
— A voz do Espaço... o canto do Além...
Que me rezam tudo isto e nada mais...

DÚVIDA DO FIM

Álém, n'essa Distancia agonisante,
Onde o olhar não vê o que se esconde,
Existe um Fim?—o Fim d'esse distante
Eu julgo vêr Álém... não sei aonde...

A Ideia em vão por todo o Espaço corre,
E, descobrindo n'esse campo enorme,
Cansada de marchar, desiste e morre,
Sepulta na distancia, onde Ella dorme.

A Morte ha de rasgar véu mysterioso
E, na luz d'esse vago nublado,
Mostrará o dilêma em que consiste:

O Infinito, o Vago indefenivel,
É tudo o que, no Fim do Invisivel,
Deturpa o êrro do que nunca existe!

CRENTE

Orando ante as formas do Impalpavel,
— Uma Ideia infinita ... — olhando os céus,
Perturba-me uma crença perturbavel,
Affirmando a existencia d'um só Deus!

Com devotos fervores de louco crente,
Scismo n'um átomo da sua essência ...
Sentindo como sente muita gente,
Chama divina em minha consciência ...

Procuro o Infinito,—ideia louca . . .—
Debalde clamo um guia: a voz, já rouca,
Echoa o espaço em gritos de chacaes!

Ouço ao longe dizer n'uma balada:
Que a Ideia o Infinito e o Nada
São Amanhã três cousas bem banaes . . .

A VOZ DO ALÉM

Ouço, de quando em quando som fagente,
O murmúrio do Longe em orações ...
Fico calado, em grandes convulsões,
Sinto aquillo que pouca gente sente.

Escuto attento, com fervor de crente,
Essa harmonia sàcra de canções,
Sussurrar de longinquos furacões ...
Vindo do Além, d'um novo ambiente ...

Pouco a pouco essa prece esvaecendo,
Embala-me no Espaço, adormecendo
Em duas magras mãos a minha frente;

De mim só resta um leve sombreado,
E vogando nos ares, sempre apressado,
Lá caminho p'rá voz d'esse Horisonte!...

O FIM DO MUNDO

A trombeta soou. Anjos saltitam
Foragindo de mui densas neblinas;
Exhalam córos, vibrações divinas...
Que dentro em mim em vãos fulgôr's crepitam.

Sobresaltam-me grandes cataclysmos,
Olhando sepulturas destroçadas;
Aniquilam-me as vozes suffocadas,
Clamando lá no abysmo dos abysmos.

Retiram-se os cortejos celestiaes
E só vejo, entre as Vidas imortaes,
Signos da morte ao sôpro da rajada.

Tudo em âncias brutaes fugiu ao Espaço,
Só nos restando agora um magro braço
Que nos aponta, mortos, esse Nada!...

N'UMA NOUTE

O rancôr da nortada já bramia . . .
E decepava ramos do arvorêdo.
Pairava sobre a noute aquelle mêdo
Que rouba ao mais valente a valentia.

Todo esse temporal repercutia
Ao longe, no bater d'algum rochêdo,
E por quedar suspenso n'algum *credo* . . .
Findou o temporal e a ventania.

Mudanças repentinas assombrosas,
No silêncio das cousas luctuosas,
Insinuavam mystério n'esta scena:

Metenpsicoses, theorias d'outra Vida...
Extasis da Natura enlouquecida,
Vendo o Christo morrer n'uma açucena...

PÉSSIMISMO

A naturêza tinha adormecido,
E vibrações magneticas p'lo ar,
Expandindo um gemer desilludido,
Echoavam, tristemente, n'um troar.

Os vegetaes, secando, contristados,
Desfolhavam-se em folhas a cahir;
Os astros em luz pallida, cançados,
Scintilavam n'um fraco reflectir . . .

Angústias d'um descrer exorbitante,
De esp'rança fugidia, extenuante,
Era talvez a Trêva a respirar . . .

Presenceando este quadro pèssimista,
Morrera em mim o espirito idealista.
A esp'rança succumbira com o esp'rar . . .

POLYTHEISMO

Ha dythyrambos, várias symfonias,
Perfumes aromáticos de amôres,
Contrastes singulares de várias côres,
Confundindo-se em ternas melodias.

Cortinados pomposos de mar'zias
Abafam resignadas, cruéis dôres.
Douradas ambrosias, lindas flôres
Juntam Deuses e almas em folias...

Tudo isto eu sinto longe, mui distante,
Lá p'ra os lados irreaes d'outro Levante
Onde a Vida só vive com certêza . . .

Além, as Almas gozam reunidas,
Em cultos de regiões desconhecidas,
E onde a bacanal é uma reza . . .

ECHOS DA NATURA

Na eloquência vaga, mas sentida,
D'um arbusto açoutado pelo vento,
Vem uma queixa enorme de captiva
Que soffre ha muito de cruel tormento.

Rumorejando echos da natura,
Aliviando a dôr de muitos annos,
As altitudes rezam com doçura,
Emanam, dos arbustos, desenganos . . .

Meu Deus, como é tão vasto o soffrimento
Que nos cahe d'esse largo firmamento,
Onde tu és a unica Verdade!

Se é certo que do Nada nós sahimos,
E se tambem p'ra o Nada convergimos,
Que saudade do Nada, que saudade!...

VIZÃO DO ALÉM

Alevantando o escuro e denso véu
Que cobre todo o espirito vidente,
Alcança a Alma tudo o que no céu
A Ideia n'esta Terra mal presente.

E sim, meu Deus, no Céu tranquillo e fundo
Não afirmo o que sinto, mas medito
Se, já vivendo o Céu no Outro Mundo,
Junto ao meu corpo, n'esta vida hesito...

O fluido de minh'Alma ao transitar
Em volta do meu corpo tumular,
Diz tudo o que olhou... Então eu sinto

Scena banal da Naturêza inteira...
E em mim a Ideia, minha companheira,
Ruborisada affirma que não minto.

O MEU PERDÃO

Na Cathedral do Vago, abóbadáda,
Onde constantes tochas são ardidas,
Hei-de ir pedir a última pousada,
Para descanso, oh Deus! das minhas Vidas ...

Quando de rastos pelas lages frias
E debruçado no Divino Altar,
Meu Deus, meu Deus, que duras agonias,
Rezando, sentirei no meu rezar!

Pedindo, eternamente, em orações,
Alcançarei a taça dos perdões
Que vós meu Deus! dais sempre ao peccador;

E viverei então na Cathedral,
A Vida mais divina e triumphal,
Arrepellido, p'rante vós, Senhor!

QUEIXUMES...

Murmurejam, occultos nas ramagens,
Poemas de saudades a vibrar...
Queixumes, illusões, pelas aragens,
Obrigam-nos assim a recordar...

Sahem notas harmoniosas inquietas,
Desprendidas das folhas fatigadas,
Sibilando, na fuga, p'las abertas,
Fogem a mêdo, fogem apressadas.

Harmonias divinas, que deleitam,
Conteem-se n'estas notas que me espreitam,
Quando sonho distante nos meus damnos;

O Passado viveu soturnamente,
O Futuro é aquillo que se sente
No labyrintho máu dos desenganos. . .

SEDE

Aspirações em sonhos que me aterram,
Sofreguidão de ter o que não tenho:
Sou martyr do martyrio em que me encerram
Ideias a crescer, onde me embrenho.

Perdido em labirintos do egoismo,
Encontro-me onde sempre me encontrei:
Aponto outros caminhos, quando scismo,
Sempre os mesmos caminhos onde andei!...

Não sei ha quantos séculos percorro
Essa estrada, onde tanta vêz eu morro,
Mas sempre caminhado, porque creio!

A Perfeição habita retirada,
Mas Lá, onde termina essa jornáda,
Sequiôso hei-de beber o que eu anceio!...

O SONHO DA VIDA

Nunca valeu a pena interrogar
O sonho do Incerto, em que vivêmos;
Soffrimentos são sonhos d'um sonhar,
Só sonhos são, aquillo que nós vêmos.

E' sonho o Impossivel que tu sentes,
O Imperfeito que na vida amas,
E vossas orações, humildes, crentes,
São sonhos d'uma crença, ardendo em chamas...

Olhando agora a vida, considera
O falso d'esse Real de fronte austera,
Onde se dorme em sonhos de vivêr...

Quem me dera viver a minha vida,
E sentir, n'uma crença enlouquecida,
Certêza da existencia do meu Ser!

RESANDO

AO HENRIQUE DE BARROS GOMES

Resêmos com piedade e com ternura,
Evocando as almas invisíveis,
Porque quem chora, reza, e quem murmura,
Alcança no pensar diversos níveis...

Alcança em parte tudo o que pretende...
E a barreira que cobre o Encoberto,
Nossa Alma, quando se ergue, logo a fende,
Mas de novo penetra no Incerto...

O mystério que nasce para Além,
Alguma cousa, oh Deus, acaso tem,
Que ultrapásse os nossos ideaes? . . .

Orando, em vão pergunto este segrêdo,
Pois pelo Espaço vem-nos, mudo e quêdo,
O silêncio das cousas naturaes. . .

A
voz
do
eu

A
voz
do
eu

— Porque suspiras, porque te lamentas,
Cobarde coração? Debalde intentas
Oppor á Sorte a queixa do egoismo...

Deixa aos tímidos, deixa aos sonhadores
A esperança vã, seus vãos fulgores...
Sabe tu encarar sereno o abysmo!

Anthero de Quental

PENSANDO EM TI

Tem graça erguer na mente transtornada
A mulher mais ideal que s' imagine,
E vê-la, após de bella, transformada
No vágo das ossadas que a define, . . .

Que importa as formas curvas dos seus seios
E a candura de virgem no seu rosto,
Se tudo, em fim, nos ossos frios e feios,
E' resumido em tréva d'um sol pôsto! . . .

VOZ DO EU

Pensei um dia em mim, olhei a frio
O meu aspecto magro, macilento,
E senti, n'um agudo calafrio,
O vácuo d'um espaço e d'um momento.

Soffri, ao supportar o pensamento,
Que nem sei se existiu na minha mente,
Ou se, passando, como passa o vento,
Abusou de minh'Alma tão doente.

Cahindo no vazio das cousas mudas,
Fitando mil caveiras carrancudas,
Dormi, incerto, sobre a existencia,

E ouvi a minha voz, em voz sumida,
Morrendo a duvidar da minha Vida
E a Vida a duvidar da sua essência . . .

ADORO O EU

Vive em mim algum Génio ; inclemente,
Encontro no meu Deus o meu rival ;
O super-homem sou, um Deus diff'rente,
E julgo vêr em Deus um Deus banal.

Os meus sentidos fogem espavoridos,
Quando ultrapasso Deus na concepção
Que o homem tem erguido em seus sentidos . . .
Mas longe muito longe da razão.

Tenho momentos, que me sinto grande!
Assoma um Génio d'outro que s'expande. . .
Ai como é Ser pod'rôso o Ser assim!

Junto n'alma o viver que me duvida,
E, por pensar um Deus na minha Vida,
Adoro ha muito o Eu, com mêdo a mim. . .

O ABYSMO

Ao turbilhão humano das paixões,
Fui encarar o fundo precepicio,
P'ra vêr, no mundo, quantas illusões!
E para olhar, de longe, o que era o vício. . .

A lucta é fera; chegam-nos os chóros
De muitas ambições já derrotadas. . .
A voz, n'um tom cahótico de córos,
Resôna alli, só mortes destroçadas!

Sentindo um calafrio que me seduz,
Quando uma mão gelada me conduz
A' beira d'essa fossa do peccado,

Em lethargia fico, moribundo,
Olhando quão banal és tu, oh mundo!
E tu, homem, que vives a meu lado! . . .

CHRISTO

Ao ALFREDO MATTÔSO

Vieste á Terra, oh Christo, Homem Divino,
Baixaste a podridão inanimada,
E, no livro infalível do Destino,
Ha muito a tua vinda era apontada.

Nunca Judas p'ra Ti foi assassino,
Eras filho de Deus e a Immaculada,
— A Mãe que te nasceu Jesus menino
E, Virgem, te gerou do mero nada. —

Reso-te, Christo, admiro-te a bondade,
Penso e adoro a Tua divindade,
Tua Alma grandiosa — Alma de Deus! . . .

E, quando em mim Te vivo e Te adoro,
Quantas vêzes, oh Christo, por Ti choro,
Olhando-Te na Cruz, nos olhos meus! . . .

DONDE VIM ?

De muito longe... nem eu sei ao certo
Donde parti em tempos, descuidado,
Passando catadupas do Incerto,
Pobre, misero, triste, extenuado.

Andei no Vago a procurar um rumo,
E lá vi, ao longe, a vida onde eu existo,
Leve como o subtil e leve fumo,
Entrei então na vida como o Christo...

Chorei ao supportar a minha dôr,
Nova p'ra mim, na terra do amôr,
Terra talvez por Deus já esquecida...

Na descrença clamando a voz ergui:
«Sinto o que não sinto, ólho o que não vi...
Oh Sorte! eu só por ti sou suicida!»

TRANSFORMISMO

Eu já não sou quem fui. Em tempos idos,
Fui qualquer cousa grande, em maravilha;
Fui uma estatua em mundos esquecidos,
E quem sabe se fui alguma ilha?!...

Fui pedra abandonada n'um deserto,
Com arestas de cortes animados;
Fui espaço d'um pôço muito aberto,
Existi na Natura em seus trinados.

Hoje finjo saber que sei quem sou,
Mas sinto tudo em mim que me mudou,
No Passado, a mostrar formas passadas.

Agora, vivo a vida dos arbustos;
Cresco no pensamento dos meus sustos,
Sem saber onde irão minhas ossadas...

A MINHA PRECE

Ha annos que já rogo a minha prece,
Esp'rando sempre alguém que me attendesse,
E no jorrar da flama que fallece,
Mais valera, de vêz, então morresse.

A tristeza que minh'alma chora,
Quando me diz que sou um indolente,
E' a raiz constante que devora
O succo d'esta vida tão doente.

Porquê, no meu viver, tantas desditas?
Responde tu, oh monstro, que me fitas
Nesse cynismo atroz, que me tortura!

A paz, a eterna paz é que eu aneio:
Não a paz d'algum mundo que eu odeio,
Mas a paz d'uma eterna sepultura!

RECORDAÇÃO

A Tr

Sentia antigamente e sinto agora
A mesma dôr, o mesmo soluçar
Dos males que minh'alma ha muito chora,
Dos males que minh'alma ha-de chorar...

Da vida nada é novo no Destino,
E, caminhando em longas caminhadas,
Encontramos sómente o desatino
A torturar as almas torturadas.

Feliz de quem passou por entre a vida
N'um sôpro de vizão estremecida,
Volvendo para traz olhar saudoso,

E, despertando vivo em mais Esferas,
Viver só recordando o que fizeras
Na vida, para Ti, supremo gôso!

SONHOS IDOS

Ha muito para mim já foi extinta
A visão que morava o intendmento,
E a luz que a luzia tão distincta,
P'ra sempre emmudeceu n'um desalento.

Traço ao acaso sonhos de inconstante,
Mas não ha em nenhum tanta grandêza
Como no sonho antigo, tão constante,
De que me lembro agora com tristêza.

Fui grande em tempos quando me illudia,
E, no leito fiel da prophesia,
De crente, vacilei para a descrença:

Murmuro sobre ideias de incoherente,
Não sei se sou descrente ou talvez crente,
Perdi as illusões de quem não pensa...

ÁS HORAS DO OCCASO

Quando a tarde tristonha sahe do dia
E caminha p'ra mim acompanhar-me,
Envolvido em tão dôce sympathia,
Calado, sinto em mim a noute a olhar-me, . .

Não sei quem sou, ao vêr-me cortejado
Pela noute tão bella, amante qu'rida,
Alguem me diz que sou um desgraçado
A quem a escura noute dá guarida.

N'um soffrêr que acalenta o soffrimento,
Eu vivo só na noute e sonho attento
Nos vultos que distingo em meu sentir;

Talvêz eu seja vulto, quando á noute,
Recebendo da tréva o duro açoute,
Alcanço, morto, a linha do porvir!...

ÓCIO?...

Se acaso, no viver, é ser ocioso
Aquelle que medita d'hora a hora,
Beberei em ti, Ócio generoso,
Toda a scisma que em mim ha tanto móra...

Utilidade emfim... talvez não tenha,
Inutil pois serei, mas permanece,
N'este ócio d'um descrer que me entretenha,
Toda a visão d'uma alma que amanhece.

Bem sei que todo o sonho se consome
E n'esse consumir tambem se some
Tudo aquillo que em mim ha muito adoro.

Penso agora na vã banalidade,
E logo, ao descobrir fatal Verdade,
Dizem que sou banal porque me choro...

O MEU TORMENTO

Ao JUSTINO FERREIRA

Nem eu sei porque choro, e lamento
Esse Tédio da Ideia em que me rogo;
Eu próprio não conheço o meu tormento,
O tormento de sempre em que me afogo.

E' muito triste arcar na vida insana
Co'esta dôr passageira, tão extranha,
Dôr d'um outro que sente e que não ama
E sente em meu amôr a dôr tamanha.

Eu não sou nada : Alguem, no meu vivêr,
Vive em mim todo o vago conceber
Da concepção longingua do immenso;

Escuto o que elle diz. Horas serenas . . .
Uns restos do meu ser, agora, apenas
Julgam pensar aquillo que não penso!

UM DIA...

Um dia hão-de parar meus soffrimentos,
Olhando atraz, o meu olhar perdido,
Não concebendo o côro dos lamentos
Como se fôra um sonho o ter vivido.

Buscando no passado algum desgosto,
Penso e scismo ser tudo uma illusão,
Então com cynismo no meu rôsto,
Amaldiço-o a dôr d'um coração.

Erguendo a minha fronte destemida,
Procuro reflectir o que é a Vida,
Avaliando a dôr que nós soffrêmos.

Impossivel negar a minha dôr . . .
Mas, vendo-a com prazer e com amôr,
Valente, bêbo a taça dos venênos ! . . .

APPARIÇÃO

Hontem á noute, — scena interessante! —
Vi frente a mim erguer-se um esquelêto
Dizendo-me, n'um ar insinuante,
Que descrevesse a Vida n'um sonêto.

Peguei na pena e á luz, que se consome,
D'uma vela já prestes a queimar,
Pensei na Vida, n'esse drama enorme,
E olhando a Vida eu pude enfim chorar . . .

Vejo passar misérias, desgraçados,
Recordo ainda os tempos já passados,
Horas de dôr e horas mais amênas,

E então, com mão tremente, vacilante,
Respondi que na Vida, a cada instante,
Illusões, illusões eu vira apenas!

ECHO DA NOUTE

Evocação

Ao ALVES MARTINS

Echo da noute filho dos poentes,
Trazei a mim as almas desgraçadas,
Que eu quero ouvir cantigas comoventes,
Tristes sussurros, echos de baladas...

Echo da noute, echo estremecido,
Erguei commigo, em voz desilludida,
O grito mais pungente e mais sentido
Em pragas contra o Eu e contra a Vida!

Eu sou um revoltado contra a Sorte,
A caminhar em âncias para a Morte,
Um louco que o Destino fez perder...

Echo da noute ouvi a minha prece!
Vosso murmúrio passa e não esquece
A ância, a minha ância de morrer!

PESADELO

Sonhei hontem que estavas moribunda,
E Eu, d'olhos abertos, a olhar
A tua face fina e pudibunda,
Que tanta vêz, mulher, eu quiz beijar.

Teu corpo esguio em poses de serpente,
Tinha agora só carne desconjuncta. .
Mulher, — disse eu, — amei-te loucamente,
Já foste bela, hoje és uma defuncta.

Pensei no meu amôr, quando ao olhar-te
Tive ódio a mim, passei a odiar-te,
— Assim findava o grande amôr em nada!

Olhei-te, com firmêza, grave e mudo,
Ri-me de mim, do amôr, ri-me de Tudo,
E até me ri de Ti á gargalhada!

ENTÃO HAS-DE SOFFRER

Amo-te muito, alucinadamente,
E, de tanto te amar, já estou cansado...
Tem dó de mim, mulher, eu sou doente,
Vivo do amôr e vivo torturado!

Quando eu te vejo teu sorrir agreste,
Meus olhos desfalecem contristados.
Fico parado e triste, qual cypreste,
A sombrear meus intimos cuidados.

Tenho pena de mim quando em mim penso
E fico absôrto, n'um scismar immenso,
Sentindo desmaiar minh'alma inquieta.

Tambem tu sentirás esta tristêza,
Quando, talvez, um dia, com surprêza,
Ouvires falar da morte d'um poéta!

O TEU CASTIGO

A Tr

Gostava de te vêr em agonias
A implorar de mim o meu perdão,
E Eu, embriagado em alegrias,
A responder-te sempre, sempre, « não! »

Pagavas tudo, tudo o que fizeste,
E, ao vêr-te gemêr angustiôsa,
Lembrava-te o amôr que me não deste,
Escarnecia ao vêr-te lacrimosa.

E mesmo que te visse, em estertor,
A atingir o cumulo da dôr,
A desfazer-te n'uma prece infinda,

Responderia aos gritos lancinantes :
« Quero que chores para que me encantés
Quero que soffras muito mais ainda !... »

COMMIGO

Gostaria de ser muito pod'rôso
E de não ser quem sou — triste vencido! —
De ser abominavel, odiôso,
Mas em vigor ter iras de bandido!

Se tivesse energias que não sinto,
Raivas ferinas no meu desatino,
Matava quem adoro!... Crê: — não minto —
Crê, mulher, que seria um assassino!

Mas não sou nada d'isto a que eu aspiro,
Nas minhas ambições, quando deliro,
Sinto âncias de Abel ao vêr Caím...

Tenho illusões d'um sonho destroçado,
E, ao vêr-me tão distante do sonhado,
Ólho quem sou, p'ra ter náuseas de mim.

DE MIM DUVIDO

Deixa-me rir um pouco a sós commigo,
De tudo quanto avisto em minha vista,
Pois só assim, oh alma, é que eu consigo
Olvidar meu viver de péssimista.

Morrei, oh inimigas dos instantes,
Para não mais haver quem me apoquente,
Que eu volte a ser aquillo que era d'antes,
Rir-me de tudo, rir cynicamente.

Ao acaso p'la vida vou andando,
Ólho tudo, de tudo duvidando,
E pergunto pr'a quê haver nascido?

Não tenho fé, findou a fé que tinha,
E nem quero que tu já sejas minha
Porque, mulher, até de mim duvido! . . .

A MORTE

AO ALVARO BELLO PEREIRA

Quando a Morte vier e fôr prostrado
Na sepultura, reles enchovia...
E quando então me erguer, resuscitado,
No Mundo onde se vive e sempre é dia;

Quando em espectro escuro, tenebroso,
Passear pela Noute, alegremente,
E n'Outro Mundo ideal e assombroso
Nascer para viver eternamente...

Quando a Morte vier, hei-de lembrar
A minha vida toda. Hei-de chorar
Quando morrer pensando ainda em mim,

E liberto da vida que eu odeio,
Dizer: — amortalhado no seu seio —
«Oh morte oh linda morte, até que emfim!...»

ESTOICO

Eu zombro de mim proprio — A amizade
Que já tive a meu Ser, quando me olhava,
Foi nevoa que passou em tenra edade,
Dizendo adeus, porque jámais voltava.

Nevoa que dissipou os desenganos,
Que me fez escolher outro arribar.
Fui f'rido per dezenas de tyranos
Que existem no meu Ser, no meu pensar.

Se sôffro porque quero, nem eu sei . . .
Em mim não sinto amôr, eu nunca amei!
A minha vida é sombra d'um repente . . .

Abandonei-me um dia ao estoicismo:
Sou martyr, sou carrasco, sou abysmo,
Mas tudo para mim é indiff'rente . . .

ANCEADADE

Ao D. AFFONSO DE BRAGANÇA

Acalma-te anceedade. Em vão procuras
Tudo aquillo que em pragas de desejo
Aspiras encontrar. Em vão murmuras
Com os olhos de querer labios d'um beijo...

No orgulho que exhala a tua prece,
Ha sentimentos maus, que te definem,
Egoismos d'um saber, e até parece
Que em ti vivem só almas que te opprimem.

Renega o teu passado, o que pediste,
Contenta-te sem vêr o que não viste,
Lançando a Vida em sonhos mais banaes . . .

E tu verás, humilde aventureiro,
Que ousar conceber o verdadeiro
E' chimera d'um louco e nada mais !

AO CEU

Ao D. JOSÉ MANUEL DE NORONHA

O Céu, se acaso o Céu é verdadeiro,
E á sacrosanta Fé só Elle é dado
Aquelle que jâmais um paradeiro
No Fado d'esta vida ha encontrado ...

Se acaso o céu é essa recompensa
D'aquelle que, fatal por esta vida,
Olhos fitos na vastidão immensa,
Marcou lá sua crença estremecida;

O Céu ... p'ra Lá irei entre infelizes ...
E quando penetrar n'esses países,
D'um unico relance eu verei tudo :

Que a Ideia n'esta Terra, em si tão pobre,
Fenece, ao ignorar, n'um gesto nobre,
Tudo aquillo que olho e fito mudo ...

O AMANHÃ

Ao LUIS VIEIRA DE CASTRO

Eu sei o meu destino qual elle é,
E ólho para mim e basta isto
Para saber que nunca tive fé,
Para pasmar como é que ainda existo!

O meu destino é o soffrimento
Que brota dos meus somnos ideaes,
E quando escuto a dôr do meu tormento,
Escrevo a minha dôr e soffro mais!...

É a soffrêr que vivo a minha sina,
E quando sinto encontro quem me anima,
— Alguem que junto a mim me acaricia —

Hei-de viver até sentir vigor,
E, depois, p'ra findar a minha dôr,
Talvez, — quem sabe lá? — matar-me um dia!

RESIGNAÇÃO

AO MANUEL VALLADARES

Devemos resignar-nos. Grande dôr
Existe em nós bem sei. Mas o que importa?
Quem soffre vive a vida com fragôr...
A alma que não sente é alma morta.

Eu soffro muito e soffro com esp'rança
De ser feliz um dia, no porvir;
E muitas vêzes chamo-me creança,
Ao vêr em mim as lagrimas cahir.

Consolo-me quando olho de relance
E vejo o mundo, em dramas de romance,
A contorcer-se em luctas doentias;

E sinto-me feliz ao vêr os mais
Erguer na mesma dôr, os mesmos ais,
Nas suas bocas, minhas agonias!

Indice

INDICE

I — Sombras que passam	27
II — Horisontes.	61
III — A voz do Eu.	105

Acabou de se imprimir esta edição NO CAHOS DA IDELA
aos 12 de maio de 1916, na "Typographia Luzitania"
Mario Antunes Leitão— 71, Rua da Picaria, 73-PORTO.

